

Confissões de um estudioso compromissado com as ideias (com certas ideias...)*

Confessions of a researcher compromised with the ideas (with certain ideas...)

Fabricao PEREIRA DA SILVA**

Resumo: Para responder à pergunta “por quê e para que fazer estudos das ideias e do pensamento latino-americano?”, esta apresentação defende três motivações. Em primeiro lugar, a necessidade de valorizar as ideias e a cultura. Em segundo lugar, de afirmar a opção pela periferia, pela consideração de que ocorre há séculos um “epistemicídio”. Em terceiro lugar, a opção por investigar principalmente as expressões mais românticas, “populistas” no pensamento da periferia global.

Palavras-chave: Estudos das ideias; pensamento latino-americano; pensamento periférico

Abstract: To answer the question “why and for what study Latin American ideas and thought?”, this presentation defends three motivations. First, a need of recognize the value of ideas and culture. Second, to affirm the option for the periphery, considering that there has been for centuries an “epistemicide”. Third, the option to investigate mainly the most romantic, “populist” expressions in the thinking of the global periphery.

Keywords: studies of ideas; Latin-American thought; peripheral thought

Recibido: 24 julio de 2020 Aceptado: 3 noviembre de 2020

Introdução

Esta apresentação vai abordar as motivações que me levaram aos estudos das ideias –em particular de certas ideias. Participar desta mesa se apresenta como uma oportunidade para (re)pensar de onde falamos, como falamos, para que e para quem falamos. Participar deste diálogo é uma rara possibilidade de refletir sobre os rumos dos nossos estudos e dos nossos fazeres. Algo que deve ser

* Versão revista da intervenção do autor no Painel de Abertura (“¿Por qué y para qué hacer estudios de las ideas y del pensamiento latinoamericano?”) das *X Jornadas de Estudios de las Ideas “Prof. Javier Pinedo”*, Santiago do Chile, 2020.

** Brasileiro. Pós-doutor pelo Instituto de Estudios Avanzados da Universidad de Santiago de Chile (IDEA/USACH). Professor da Escola de Ciência Política e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Email: <fabriciopereira31@gmail.com>

ainda mais valorizado em conjuntura tão crítica, que praticamente exige o repensar das nossas atividades em todos os níveis.

Vamos à pergunta a ser debatida nesta mesa: “por quê e para que fazer estudos das ideias e do pensamento latino-americano?” No meu caso, sempre implicaria em estudar as ideias latino-americanas em primeiro lugar, porque a região é meu objeto de estudos antes de ter me tornado um estudioso das ideias (se é que sou um); e porque me identifico como um “latino-americano”, para além de ser um “latino-americanista”. Não há dúvidas que América Latina é um conceito problemático, na medida em que não abarca grupos sociais fundamentais na constituição da região –negros e indígenas, só para ficarmos nos mais óbvios. Mas seguimos ainda em busca de um conceito (e de uma identidade) mais inclusivo, e enquanto isso ainda nos mantemos às voltas com a “latinidade”.

Posso organizar minha resposta a partir de três motivações eminentemente políticas. Em primeiro lugar, a necessidade de valorizar as ideias e a cultura, como uma “reação” a tantos estruturalismos, institucionalismos e marxismos ortodoxos que marcaram o pensamento. Afirmar que as ideias importam assume um peso político, em diálogo com as correntes pós-estruturalistas, pós-coloniais, decoloniais. Pode implicar também –no limite– a proposição de uma nova área ou subárea de estudos: os Estudos Eidéticos sobre os quais Eduardo Devés tem refletido (Devés & Kozel, 2018). Em segundo lugar, a motivação de afirmar a opção pela periferia, por considerar que ocorre há séculos um “epistemicídio”. Barrar esse “epistemicídio”, ou ao menos salvar alguns espécimes das chamadas que os consomem, me parece ser uma obrigação ética do intelectual periférico. Por isso me dedico aos Césaire e aos Mariátegui: já há muitos estudiosos de Locke e de Marx. Em terceiro lugar, a inclinação por investigar principalmente as expressões mais “românticas”, “populistas” pode-se dizer, no pensamento da periferia global. Isto se dá por uma identificação pessoal de minha parte, admite-se, e também pela ânsia de procurar qualquer nova “fonte” que possa alimentar o pensamento crítico e as esquerdas em crise. Vejamos sucintamente cada uma das motivações.

As ideias importam

Afirmar que as ideias importam implica em se enfrentar com uma dicotomia clássica formulada a partir das humanidades: para simplificar, trata-se de como articular os polos “estrutura” e “agência”, para utilizar os termos pelos quais a questão foi colocada na Sociologia (Alexander, 1987). Trazendo o debate para o campo das ideias, poderíamos explicar as ideias como derivações das estruturas econômico-sociais, dos “campos” bourdieusianos, ou mais superficialmente de um dado “contexto”. Como derivações, variáveis dependentes, no limite como justificativas, como falsificações (a “ideologia” num sentido marxista mais ortodoxo). Ou poderíamos entendê-las como ação criativa do indivíduo, do intelectual, de um grupo, de uma vanguarda, de uma geração. E estudar os textos a partir dos textos. Trata-se de dois extremos, quase caricaturais, mas possíveis.

Centrar nossas investigações nas ideias como a unidade analítica a ser estudada pode ser uma estratégia para superar ou contornar aquela referida polarização. Mas pode vir a ser também uma falsa resolução do problema: as ideias não têm agência, não possuem vida própria, e assim ainda nos resta resolver como elas são produzidas e reproduzidas (não como se produzem e se reproduzem). Elas são produzidas a partir de certas variáveis intervenientes, mas também assumem frequentemente este papel. As ideias constituem criação social, criatividade individual e coletiva.

Tal criatividade é cruzada por crenças em constante mutação, que lhes oferecem repertórios ao mesmo tempo em que a limitam. Nesta dada cultura (política) se encontram diversos signos e

conjuntos de signos em disputa, e nela eventualmente podem se plasmar ideologias (em sentido gramsciano), a partir da ação intelectual individual e coletiva, dentro de limites postos pela existência concreta de um repertório dado. Tais ideologias podem se tornar agregadoras de sentidos éticos para novos “blocos históricos”, sínteses complexas do simbólico e da materialidade.

Entender esse lugar de produção e reprodução das ideias pode implicar em pensar num novo campo de estudos. Trata-se do projeto de construir uma disciplina ou “âmbito disciplinar”, os Estudos Eidéticos, que não se confundiria com as subdisciplinas que as abordam desde diversos ângulos (e desde distintas estratégias de colonização). É isso que Devés propõe, os Estudos Eidéticos como forma de compreender a dinâmica das ideias a partir de um lugar de produção de saberes próprio. Um espaço que receba contribuições de diversas subdisciplinas, sem ser a simples somatória delas: história intelectual, história dos conceitos, história das ideias, sociologia dos intelectuais, sociologia da ciência, filosofia política, pensamento político, pensamento social, estudos culturais, e muitas outras.

Acabei de utilizar nada mais que quatro expressões que não são de modo algum sinônimas: “campo de estudos”, “disciplina”, “lugar”, “espaço”. Devés ora parece apontar para a necessidade de uma “nova disciplina”, ora para um “âmbito disciplinar” “donde se entrecruzan formas de trabajo y no hablo de una disciplina y menos de una ciencia, en sentido estricto” (Devés & Kozel, 2018, p. 36). Tenho minhas dúvidas tanto em relação à constituição de uma “disciplina” quanto de um “âmbito disciplinar”, mais quanto à primeira opção: daí toda a incerteza de meu parágrafo anterior. Crítico que sou, por formação e por necessidade, do crescente rigor disciplinar e dos esforços de delimitação de disciplinas autocentradas que não dialogam entre si, temo que este possa vir a ser o futuro dos Estudos Eidéticos –o que obviamente não é a intenção de Devés. Já não haveria disciplinas demais no mundo? Por outro lado, seguir com a situação atual de pouco entendimento entre as diversas subdisciplinas mencionadas acima não nos leva muito longe. Seria importante poder falar desde um novo lugar, na medida em que cada uma daquelas subdisciplinas procura colonizar o estudo das ideias e construir seus próprios espaços subdisciplinares de reprodução (muitas vezes excludentes).

Uma saída seria a construção de um “âmbito” não exatamente “disciplinar”, sem todos os rigores de mais uma nova disciplina –e de seus cânones, métodos, conceitos, cursos, financiamentos e parâmetros próprios de avaliação. Este espaço pode ser, mais que multidisciplinar ou interdisciplinar, um lugar transdisciplinar, mais além das humanidades inclusive. Uma abordagem multidisciplinar não diferiria tanto do que já ocorre eventualmente (em seus melhores momentos) no estudo das ideias, quando são abordadas a partir de diversos saberes subdisciplinares que se combinam e se acumulam. Interdisciplinaridade seria enfrentar um problema específico a partir de contribuições em diálogo desde diversas áreas de conhecimento. Mas podemos ir epistemologicamente além na construção de saberes coletivos, interagindo ao ponto de transcender as fronteiras disciplinares para abordar nossos problemas de pesquisa, que não podem ser compreendidos a partir de uma disciplina específica.¹

Provavelmente, este lugar trans ou metadisciplinar é mais difícil de alcançar do que erguer mais uma disciplina, é algo ainda mais ambicioso na prática. Este espaço de encontro de especialistas em ideias das mais variadas formações pode se chamar “Estudos Eidéticos”, com ou sem maiúsculas (“Eidética” seria mais explicitamente uma disciplina). Mas pode ser nomeada também mais

¹ O debate entre multi (ou pluri)disciplinaridade, interdisciplinaridade e trans (ou meta)disciplinaridade é extremamente complexo, desenvolvendo-se ao menos desde os anos 1970 a partir de reflexões de Jean Piaget, de Edgar Morin, dos debates em torno da crise das ciências, da interculturalidade, da decolonialidade, e por aí segue. Remeto a Penuela Velásquez (2005), e a Mignolo e Walsh (2018).

simplesmente “Estudos das Ideias”, de novo com ou sem maiúsculas. Já pude constatar (com alguma surpresa) que “eidético(s)” não é uma noção compreensível para todos, produz estranhamento para muitas pessoas, que não conseguem atinar para *eidós* e qualquer origem etimológica do termo.

As ideias da América Latina (e de toda a periferia) importam

Seja lá como for nomeado, este novo espaço pode ser constituído a partir de vários lugares de encontro, como são as *Jornadas de Estudios de las Ideas* e a *Wirapuru, revista latinoamericana de estudios de las ideas*. Evidentemente, insisto no lugar periférico, *sureño*, ladino das nossas iniciativas. É de onde falamos no momento, enquanto não for possível superar a “disjuntiva ser como o centro ou ser como nós mesmos”, e este lugar nos permite pensar os problemas a partir de ângulos distintos, particulares –não essencialmente superiores, mas efetivamente diferentes.

Assim, parto da premissa de que é importante mapear e analisar conceitos e ideias que assumem globalmente uma posição subalterna (quando não ignorada ou praticamente submersa) nos debates teóricos. Com isso, podemos contribuir para o necessário “diálogo horizontal entre conhecimentos” diversos, em defesa do que Boaventura de Sousa Santos (2010) denomina uma “ecologia de saberes” em contraposição à “monocultura da ciência moderna”. Urge avançar nos estudos cruzados das regiões que integram a periferia global, entendendo-as como comparáveis na modernidade na medida em que passaram por processos de dominação colonial e desde então ocupam posições semiperiféricas ou periféricas no sistema mundial. Suas ideias e conceitos nutrem a “consciência de ser periferia” como afirma Devés (2017). É isso que permite caracterizar essas formulações como partes constitutivas de um pensamento periférico, entendido aqui como interiorização reflexiva no campo das ideias de algo que assume concretude no sistema mundial capitalista, nas trocas comerciais, nas relações internacionais.

Trata-se de uma lógica e inserção que se alimentam mutuamente, e que marcam fortemente a produção de conhecimento e o desenvolvimento de ideias políticas. Com isso, provocam situações assemelhadas, tais como: o peso da recepção de ideias oriundas dos países centrais, o dilema entre a valorização de tradições e identidades locais ou a modernização a partir de modelos externos, e as reflexões sobre o papel dessas regiões no mundo –já modernas ou em processo de inserção subalterna na modernidade global, fadadas desse modo a procurar um lócus próprio e uma específica inserção internacional. Se lançamos um olhar sobre o desenvolvimento do pensamento crítico na periferia, logo observamos a relevância de conceitos produzidos localmente.

Há que se reconhecer a riqueza dos pensamentos latino-americanos, dos pensamentos periféricos, e em particular de projetos periféricos emancipatórios, de uma intelectualidade crítica, de uma esquerda “não ocidental” que (remetendo a Mariátegui) não deve ser “decalque e cópia”, mas “criação heroica”. Com isto, quero evidenciar, defender e preservar certos saberes que vão sofrendo sistematicamente um “epistemicídio”. Deve-se fazer o que estiver ao nosso alcance para superar a “monocultura de saberes” (Santos, 2010) que assola nosso mundo, nossas academias e nossas esquerdas.

As ideias que defendem a comunidade importam

Não sei se faço “história dos conceitos”, ou qualquer método historiográfico ou politológico. Não me preocupo tanto em seguir um método específico. Seja lá como estudo os conceitos, estes conceitos que estudo apresentam uma característica comum: um caráter marcadamente “próprio”, “original” (nacional e, por vezes, regional),² procurando deliberadamente demarcar suas fronteiras em relação às correntes principais do pensamento (mesmo o “crítico”, o “progressista”, o “de esquerda”) dos países centrais. Agregam elementos nacionalistas, tradicionalistas, “próprios”, entendendo a criação e a valorização da identidade como uma necessidade, em contraposição à mera reprodução ou cópia. Desse modo, não são de forma alguma “ideias fora de lugar”, fomentando processos de transformação eminentemente nacionais.

Parte relevante das ideias (“progressistas” ou não) nos países periféricos justifica a viabilidade da construção de uma sociedade mais “justa”, “coletiva” ou “harmônica” mediante a existência pregressa –e ainda sobrevivente em forma de resquícios– de traços sociais e culturais comunitaristas. Remete-se a uma “tradição comunal original”, pré-moderna, que pode ser readaptada à modernidade. Deve-se observar que a recorrência a um passado comunal (sobrevivente ao menos de modo residual no presente e na memória social) parece ser um motivo recorrente das esquerdas periféricas. Trata-se de afirmar a existência de um passado que poderia garantir a preservação ou a retomada de características “positivas” nas tradições de determinada sociedade – evitando desse modo a reprodução dos “males” relativos ao desenvolvimento capitalista.³

O surgimento de conceitos assemelhados em diversas partes da periferia –bem como o desenvolvimento e circulação de conceitos como o de “negritude”, que recebeu contribuições africanas, caribenhas, norte-americanas e foi gestado em grande medida em território europeu– indica ser possível traçar paralelos e associações dentro de um pensamento periférico global, e encoraja a avançar numa agenda de pesquisas mais global (e menos delimitada por fronteiras nacionais). É evidente que esta agenda de investigações é política: vivemos uma era de ausência de futuro, um “presentismo”⁴ (Hartog, 2014), aprofundado pela pandemia do Covid-19.

Considero haver contemporaneamente uma nova “onda” dessa busca pela comunidade, que se dá em meio a um mal-estar (nas periferias e no centro) gerado pelo avanço do presentismo: isso pode ser percebido no avanço de ideias como o “bem viver”, o “ubuntu”, a “Felicidade Nacional Bruta”, as concepções ameríndias de mundo, as diversas religiões orientais (como o budismo) que enfatizam a harmonia e comunidade entre os seres humanos, destes com a natureza e entre as gerações presentes, as passadas e as futuras. Com a iminência do fim da humanidade, e a urgência

² Conceitos nacionais se articulam na maioria das vezes a identidades supranacionais regionais, como o Latino-Americanismo e o Pan-Africanismo (associadas em algum nível e dependendo do contexto a concepções “anti-imperialistas”, “terceiro-mundistas”, “não alinhadas”, “Sul-Sul”, etc.), e mesmo a identidades transatlânticas como a noção da “diáspora” negra ou africana.

³ Este recurso, em abordagens a partir da esquerda, permite defender a existência de base material e simbólica para o desenvolvimento de novas sociedades igualitárias, em grande medida alternativas a projetos imaginados originalmente pelos teóricos socialistas “clássicos” da Europa Ocidental.

⁴ O “presentismo” é uma forma de lidar com o tempo na qual o passado perde sua função e o futuro só pode ser entendido como um horizonte catastrófico (Beck, 1998). Para François Hartog (2014), é possível que estejamos em um novo “regime de historicidade”, oposto àquele predominante na modernidade que era comandado pelo futuro. Esse novo regime seria vivenciado de duas maneiras, a partir da posição social ocupada. Para alguns, é o tempo dos fluxos, da aceleração, da mobilidade, dos projetos. Para a grande maioria (o precariado, os excluídos, os imigrantes, os refugiados...), é o tempo da “permanência do transitório, um presente em plena desaceleração, sem passado (...) e sem futuro real tampouco” (op. cit., p. 14). Assim, o presentismo é “um horizonte aberto ou fechado: aberto para cada vez mais aceleração e mobilidade, fechado para uma sobrevivência diária e um presente estagnante” (id.).

em ao menos se “adiar o fim do mundo” (Krenak, 2019), são ideias como estas em particular que me interessam. Elas podem contribuir para que pensamentos de esquerda possam voltar a assumir alguma vigência. Mas devem ser daqueles específicos pensamentos de esquerda que garantam a sobrevivência da humanidade ao menos até o final deste século –não dos que acelerem ainda mais seu desaparecimento.

Para concluir

Com tudo isso, o estudo das ideias se apresenta como uma opção política, distante de qualquer resquício de “positivismo” ou de “cientificismo”. Minha agenda de investigações é declaradamente determinada por opções do investigador. E por opções políticas. Portanto, é declaradamente uma agenda de motivações subjetivas. Este autor também se interessa pela reflexão sobre as ideias por diletantismo, por prazer estético. Também se preocupa com a construção de instituições e de espaços de fortalecimento da subdisciplina. Mas isto faz sentido efetivamente se estiver articulado com uma reflexão sobre nosso lugar no mundo enquanto intelectuais periféricos, e sobre como podemos romper com esta condição periférica. E se articulado à necessidade de refundação dos projetos emancipatórios, das utopias, do futuro –articulado criativamente com as heranças emancipatórias inscritas em nossos passados. É em torno dessas heranças que organizo minha agenda de investigações.

Referências

- Alexander, J. (1987). “O novo movimento teórico”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 2, n. 4.
- Beck, U. (1998). *La sociedad del riesgo. Hacia una nueva modernidad*. Barcelona: Paidós.
- Devés, E. & A. Kozel (2018). *Estudios Eidéticos. Una conversación desde el Sur sobre la vida de las ideas y la reconfiguración de un espacio disciplinar*. Santiago de Chile: Ariadna Ediciones, Colección Estudios de las Ideas, v. 2.
- _____ (2017). *Pensamiento Periférico. Asia, África, América Latina, Eurasia y más. Una tesis interpretativa global*. Santiago de Chile: Ariadna Ediciones, 2ª ed.
- Hartog, F. (2014). *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mignolo, W., Walsh, C. (2018). *On Decoloniality: concepts, analytics, praxis*. Durham: Duke University Press.
- Penuela Velásquez, L. A. (2005). “La transdisciplinariedad: Más allá de los conceptos, la dialéctica”. *Andamios*, v. 1, n. 2.
- Santos, B. S. (2010). “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”. In: Santos, B. S., Meneses, M. P. (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.